

*Este século tinha sessenta anos: a França dos sixties revisitada**

*Jean-François Sirinelli***

Como, sobre um dado objeto, os últimos vinte anos viram uma evolução das abordagens do historiador e como um tal objeto, assim revisitado, conduziu, de forma mais ampla, a uma releitura do século como um todo, ou, em todo caso, de sua “periodização”? Se escolhemos tomar por objeto os anos 1960 é porque, por um lado, parece que sua análise histórica, desde o início do século XXI, lhes confere, há quarenta anos de distância, uma inegável densidade que permite ao historiador não somente apontar luzes sobre eles, mas, em acréscimo, contribuir, junto com outras disciplinas, para pensar a França atual. Mas, por outro lado, se estes anos 1960 assumem uma tal plenitude é também, precisamente, por causa dos novos avanços historiográficos, notadamente no campo da história cultural. Um olhar histórico tornado, assim, mais agudo dá, com efeito, maior relevo ainda a esta década.

A história cultural em destaque

Por que, ao longo destes últimos vinte anos, alguns dentre nós, para dar conta da história do século XX francês, privilegiamos uma abordagem si-

* Artigo recebido em janeiro de 2004 e aprovado para publicação em março de 2004.

** Professor de História Contemporânea do Institut d'Études Politiques de Paris, Diretor do Centre d'Histoire de l'Europe du Vingtième Siècle (Fondation Nationale de Sciences Politiques).

Tempo, Rio de Janeiro, nº 16, pp. 13-33

tuada no cruzamento do político e do cultural? Olhando bem, e tentando evitar uma perspectiva por demais acomodada, que não constituiria, por esta razão, mais do que uma ilusão, na medida em que o metabolismo de uma disciplina escapa, na realidade, a um desenvolvimento verdadeiramente linear, e na medida em que os itinerários intelectuais pessoais escapam à clonagem e adentram com dificuldade nas árvores genealógicas supostas desta disciplina, é provável que o desenvolvimento da história cultural tenha, então, sido visto, entre outras qualidades, como passível de preencher um vazio historiográfico concernente à história deste século.

Isto posto, observou-se durante estes últimos vinte anos, no campo da história do século XX, o despontar real da história cultural. Ou, mais precisamente, fato notável foi a multiplicação, para o estudo do século findo, de objetos que pouco remetiam ao cultural. E os setores doravante abarcados são hoje numerosos e importantes. Sua breve enumeração permite, ademais, medir o caminho percorrido. Uma das interrogações iniciais partiu da história intelectual e da história dos intelectuais. A primeira, para não ficar restrito apenas à abordagem das grandes correntes de pensamento, rapidamente tomou como objeto, além do estudo dos pensamentos construídos, o da articulação, em uma sociedade, entre estes e as percepções individuais ou coletivas, expressas em registros menos elaborados e, pois, os fenômenos de circulação, impregnação e enraizamento. Do mesmo modo, a segunda, partindo com frequência dos estudos dos papas da política, prestou atenção igualmente aos fenômenos de circulação das idéias emitidas e das ideologias forjadas ou difundidas por estes últimos. No cruzamento deste duplo movimento, e com a preocupação de nos interrogarmos sobre a articulação destas idéias e destas ideologias com representações menos elaboradas, pareceu, portanto, desejável trabalhar sobre os níveis infrapolítico e infracultural e, pois, especialmente, analisar as representações coletivas em si mesmas. E, numa tal perspectiva, a síntese entre os dois pólos possíveis de uma história cultural, concebida ao mesmo tempo como história das representações do mundo e como a das elaboradas produções do espírito, não era mais a ligação improvável de dois campos historiográficos distintos, mas a delimitação lógica de um campo, tendo sua existência e sua identidade próprias e apresentando o interesse de reconstituir o metabolismo de circulação dos fenômenos de representação em uma dada sociedade, desde os sistemas de pensamento mais construídos até as sensibilidades mais simples. E, em uma tal perspectiva, esta oscilação entre

dois pólos que, de modo superficial, parecem tão distantes é, apenas aparentemente, um obstáculo ou uma fraqueza. Isto porque estes pólos delimitam um campo de estudo, tendo por objeto tudo aquilo que é dotado de sentido em um grupo humano em uma certa data¹. E a definição proposta para a história cultural adquire todo o seu sentido: como os homens representam e se representam o mundo que os cerca.

Formulada desta maneira, a identidade da história cultural evita o risco e a recriminação de ser apenas uma rubrica por demais genérica, de caráter intrinsecamente parcelar. O que precede mostra que, em razão mesmo de sua inegável diversidade, somente os objetos da história cultural – que, assim apresentada, escapa também à suspeita de ser apenas a roupagem nova da história dita das mentalidades – permitem pensar, na sua integralidade, os processos de circulação dos fatos não materiais numa dada sociedade. O que, de resto, nos conduz ao inventário dos setores da história cultural, iniciado mais acima. Tanto quanto a história intelectual e a dos intelectuais, tanto quanto a abordagem das representações coletivas, esta história cultural se interessa igualmente pelos suportes de difusão e de transmissão. Em outros termos, enquanto formas de cultura, convém prestar atenção a seus vetores. O que, por outro lado, para a história da segunda parte do século XX, adquire uma importância particular, a se considerar mais adiante, em razão da ampliação do desenvolvimento de uma cultura de massa². Ao papel massivo do livro e da imprensa escrita, já sentido no final do século XIX³, ao rádio e ao cinema do entreguerras, com peso massivo também, juntar-se-á logo – mesmo se houve, ali, neste campo, um certo atraso da França – a televisão.

E, por isto mesmo, tocamos um outro setor, igualmente essencial, o das práticas culturais, pois, seguramente, a análise da circulação cultural não se opera somente através do estudo de seus vetores. A atenção que deve ser dada aos mecanismos de recepção conduz diretamente às práticas culturais. E existe

¹ Cf. Jean-François Sirinelli, “Éloge de la complexité”, *Pour une histoire culturelle*, sob a organização de Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, Paris, Le Seuil, 1997, pp. 433-444.

² É especialmente por esta razão que publicamos, Jean-Pierre Rioux e eu, uma obra coletiva, tendo por objeto a cultura de massa (Paris, Fayard, 2002), depois de ter consagrado nosso seminário do Institut d'Études Politiques de Paris a este tema durante dois anos. Da mesma forma, cf., igualmente, “Le Temps des masses”, tomo IV de *Histoire culturelle de la France*, Paris, Le Seuil, 1998.

³ Sobre o livro nesta época, faremos referência seguramente aos trabalhos de Jean-Yves Mollier. Sobre a imprensa, cf., por exemplo, Christian Delporte, “Presse et culture de masse en France (1880-1914)”, *Revue historique*, 605, janvier-mars de 1998, pp. 93 sq.

aí um imenso campo de pesquisa, mais ainda porque não nos podemos contentar em estudar estas práticas culturais em si mesmas. São, também, com efeito, suas eventuais correlações com os lugares e os meios que convém analisar, já que a história cultural é inseparável de sua estrutura básica social e permanece bem uma história de afastamentos, marcadamente sociológicos e geográficos, em certos aspectos.

O campo de pesquisa da história cultural – da qual não citamos aqui todos os aspectos, e à qual seria necessário agregar, por exemplo, a educação ou a memória coletiva – se situa, portanto, bem na junção das representações e das práticas, e seu espectro de intervenção, portanto, enfatiza tanto os comportamentos coletivos quanto os modos de pensamento, abarcando, assim, e tocando, então, no que é essencial, o sujeito agente tanto quanto pensante; compreende-se melhor que esta história, assim apresentada, apesar de sua juventude historiográfica, tenha rapidamente ocupado uma posição de centralidade na análise histórica.

E sua fecundidade é sensível, especialmente para uma leitura histórica renovada dos anos 1960. A história dita do tempo presente integra progressivamente os decênios próximos no seu campo de estudo e este fenômeno de extensão agora foi além da IV República. É difícil especificar o momento em que estes anos 1960 caíram, assim, na rede do historiador. As sínteses de história do século XX francês, desde os anos 1980⁴ e o início do decênio seguinte⁵, aportaram nestas paragens, atingidas, ademais, desde estes mesmos anos 1980, nos programas de ensino secundário. Mas, se adotamos como critério de uma verdadeira instalação dos anos 1960 no ecúmeno do historiador a multiplicação das pesquisas individuais ou coletivas, aprofundadas e consagradas exclusivamente a esta década, o fenômeno é claramente mais recente. Pode-se mesmo considerar que ele mal se inicia. O exame, por exemplo, dos temas de tese de história, defendidas durante estes cinco últimos anos, mostra, com efeito, poucas pesquisas de doutorado consagradas estritamente aos anos 1960.

Ao mesmo tempo, é verdade, outros fatores além da fecundidade da história do tempo presente nos deixam agora prever um surgimento rápido

⁴ Ver René Rémond, *Notre siècle*, 1ª ed., Paris, Fayard, 1988.

⁵ Serge Bernstein e Pierre Milza, *Histoire de la France au XXème siècle*, Bruxelles Complexe, 1990; para o tomo I, cobrindo o período 1900-1930), Jean-François Sirinelli (Org.), *La France de 1914 à nos jours*, 1ª ed., Paris, PUF, 1993.

desta década como objeto próprio de história. Por um lado, a história política abordou-a já plenamente e a dinâmica atual desta disciplina desempenha por certo um papel acelerador da incorporação dos anos 1960. Por outro lado, o desenvolvimento da história cultural, que acabamos de evocar, parece também essencial num tal processo. Indícios, a este respeito, não faltam.

Antes de mais nada, convém observar que, se esta jovem história, como vimos, multiplicou os ângulos de ataque, todos eles, por uma ou outra razão, concernem aos anos 1960. Assim, ela, num primeiro tempo, implantou sólidos pilotes, voltando sua atenção para as políticas e as instituições culturais, temas ricos em arquivos e que permitem, por isto, estudos fecundos. Ora, se os estudos pioneiros neste campo se voltaram para períodos mais recuados – notadamente a Frente Popular – o papel crescente da potência pública em matéria cultural sob a V República provocou, de imediato, certos estudos de doutorado nos anos 1960: o nascimento de um ministério de tutela em 1959 anuncia o início de um período em que os arquivos públicos vão ser, essencialmente, mais densos no campo cultural do que jamais o foram. E estes arquivos, maciçamente gerados por estes anos 1960, são precisamente os que, legalmente, se tornaram progressivamente acessíveis, ao longo dos anos 1990. Devido a isto, algumas teses então defendidas ou iniciadas puderam incorporar temas “locais” ou “nacionais”, começando na III⁶ ou na IV⁷ República até os anos 1960 e, por vezes, mais adiante, ou até mesmo se instalaram de repente no coração deste decênio⁸. O índice de pesquisas de doutorado é sempre confiável em matéria de fontes, já que é necessário um fundo documental suficientemente amplo para fazer funcionar este tipo de exercício universitário.

Mas a história cultural, além do mais, não ficou restrita a este campo das políticas e das instituições culturais. Um dos principais fatos culturais do século XX é, com efeito, já se disse, o crescimento de uma cultura de massa cada vez mais forte, para a qual os anos 1960 constituem um momento-chave e uma fase de aceleração.

⁶ Por exemplo, Philippe Poirrier, *Municipalité et culture au XXème siècle: des Beaux Arts à la politique culturelle. L'intervention de la municipalité de Dijon dans les domaines artistiques et culturels (1919-1995)*, Université de Bourgogne, 1995.

⁷ Ver Emmanuelle Loyer, *Le théâtre citoyen de Jean Vilar. Une utopie d'après-guerre*, Paris, PUF, 1997, e Pascale Goetschel, *La décentralization théâtrale en France de la Libération à la fin des années soixante-dix*, Paris, PUF-Comité d'histoire du Ministère de la Culture, 2003.

Olhares distintos ou cruzados?

Sob muitos aspectos, a história cultural é determinante para esclarecer estes anos 1960. Ela deve mesmo ocupar, como veremos, uma posição central na análise histórica desta década. Ao mesmo tempo, é verdade, sua implementação é delicada porque, em razão da proximidade cronológica, várias gerações de historiadores têm com esta década identificações fortes, mas diferentes. E esta diferença, precisamente, é ainda mais sensível no campo da história cultural. Uma passagem pela literatura ilustra bem estes efeitos de geração, que podem provocar olhares históricos diversos. Georges Perec, em *Les Choses*, nos propunha desde 1965 uma “história dos anos sessenta”: era, com efeito, o subtítulo do livro. Mas os personagens deste romance, Jérôme e Sylvie, já são jovens adultos em 1965. Têm aproximadamente a mesma idade que o autor, nascido em 1936, terminaram seus estudos superiores – completaram, é verdade, um curso de psicossociologia bastante fluido – e ganham a vida após uma breve busca existencial na Tunísia. Jovens adultos, levados pela sua “busca exaltada da felicidade”, sua juventude estudantil foi vagamente militante nos últimos anos da guerra da Argélia⁹. Escrito entre 1961 e 1965 e inscrevendo-se neste intervalo, o livro prolonga cronologicamente *Je me souviens* – mesmo se ele o precede em treze anos, em termos de seu lançamento – cujas anotações, explicará Georges Perec, “se distribuem, em sua maioria, entre (seu) 10º e (seu) 25º ano, ou seja, entre 1946 e 1961”¹⁰. *Stricto sensu*, Georges Perec e seus personagens de uma “história dos anos sessenta” pertencem antes à geração da *nouvelle vague*, os jovens estudantes da segunda parte dos anos 1950, radiografados por *L'Express* em 1957.

Bem mais jovens, em compensação, são os adolescentes da geração do *baby boom*, surgida após a Segunda Guerra Mundial e cujos membros serão os adolescentes dos anos 1960. E, em razão da evolução acelerada da sociedade francesa nesta data, os espaços entre as gerações contam aqui em dobro. Os jovens da *nouvelle vague*, que foram os adolescentes da França do pós-guerra, ainda profundamente marcada pelas infelicidades e dificuldades da época e, depois, os da guerra da Argélia viverão como jovens adultos esta

⁸ Ver a tese de Laurent Gayme, em preparação, sobre política cultural e planificação durante a V República.

⁹ Georges Perec, *Les choses. Une histoire des années soixante*, Paris, Julliard, 1965, pp. 94 e 72.

¹⁰ *Idem*, *Je me souviens. Les choses communes I*, Paris, Hachette, 1978, p. 119.

mutação acelerada da França dos anos 1960. Donde, por vezes, no coração dos Trinta Gloriosos Anos, um olhar de certo modo perplexo para os mais jovens, filhos do *Teppaz* e do *Salut les copains*, que se misturam na mesma data. Esta perplexidade, não raro transformada em incompreensão, é sensível segundo muitos sintomas. Assim, Serge July, nascido entretanto em 1942, encontra-se mais próximo dos mais velhos, nascidos entre 1935 e 1940, com os quais tem em comum uma militância política, a propósito multiforme, durante a guerra da Argélia, do que com os mais jovens do Golfo Drouot, que ele observa para a *Clarté* com olhos de entomologista, no outono de 1963¹¹. No mesmo ano, o *France Observateur*, colocando a pergunta: “A ‘juventude’, isto existe?”, lança um olhar benevolente, mas ainda perplexo, sob a pluma de Walter Lewino, sobre a juventude do tuíste¹². Do mesmo modo, em 1965, no mesmo semanário, agora chamado *Le Nouvel observateur*, um artigo elogia o sucesso, diante de um público estudantil, de uma música julgada de qualidade muito melhor que a dos “ídolos”, quando de um concerto de Jean Ferrat e Anne Sylvestre¹³, na *Mutualité*. A *Mutualité*, um público estudantil: de novo as referências remetem ligeiramente ao passado, imediatamente antes da onda “iê-iê-iê”. E os jovens intelectuais de *Esprit* não ficam de fora e participam do dossiê dedicado pela revista, em fevereiro de 1964, ao “tempo dos companheiros”. Sob o pseudônimo de Christophe Calmy, por exemplo, Michel Winock, jovem professor de história, percebe nas canções então em voga “o ideal radical-socialista ressuscitado com algo mais, uma pequena dose populista”¹⁴. A geração da *nouvelle vague*, a esta data, tornou-se adulta e, para os antigos estudantes das disciplinas literárias, ela é, por vezes, formada por jovens professores. A geração do *baby boom*, ela própria, já está duplamente do outro lado da barreira, culturalmente e por estes anos que transformam um educando num educador. Para completar, estes jovens mais velhos, leitores do *Le Monde*, do *France Observateur* e do *Express*, em suas duas fases, já têm um olhar mais distanciado, porque leram e meditaram sobre o artigo de Edgar Morin, publicado no *Le Monde* em julho de 1963, alguns dias após a famosa noite na Nation, quando 150.000 leitores de *Salut les copains* ovacionaram seus “ídolos” por ocasião de um agitado concerto gratuito.

¹¹ Hervé Hamon e Patrick Rotman, “Génération”, I, *Les années de rêve*, Paris, Le Seuil, 1987, pp. 129-131.

¹² *France observateur*, nº 679, 9 de maio de 1963, pp. 14-15.

¹³ *Le Nouvel observateur*, nº 27, 20 de maio de 1965, p. 32.

¹⁴ *L'Esprit*, fevereiro de 1964, p. 253.

Apenas alguns anos de diferença de idade bastam, portanto, para levantar uma espécie de barreira quanto à percepção viva destes anos 1960, entre a *nouvelle vague*, agora já na idade adulta, e a onda demográfica do *baby boom*, que varre a sociedade francesa dos anos 1960. Uma tal constatação pode parecer banal, na medida em que as faixas de idade, precisamente, se diferenciam por percepções distintas do mesmo acontecimento ou da mesma seqüência cronológica. Mas, neste caso específico, de um lado, a aceleração da história e a mudança rápida de configuração socioeconômica e cultural da França evidenciaram o contraste; por outro lado, trinta anos depois, foram frequentemente os historiadores pertencentes a uma ou outra geração que, com ajuda da história do tempo presente, se apropriaram do tema.

Disto resultam ângulos de ataque distintos e, por esta razão, precauções metodológicas diferentes a observar. Os historiadores pertencentes à geração do *baby boom* – em outras palavras, os que estão hoje por volta dos cinquenta anos – precisam gerir a eventual armadilha de um efeito Rosebud: se eles não se protegem disto, a “cultura jovem” dos anos 1960 longe de permanecer apenas um objeto de estudos, corre o risco de se tornar uma forma, consciente ou inconsciente, de se reencontrar o paraíso verde dos fervores adolescentes, da mesma forma que o trenó-Rosebud do *Cidadão Kane*, de Orson Welles, remetia à infância. Mais do que em outros períodos, os efeitos de reverberação no historiador, precisamente porque refletem uma cultura de massa que se insemou em alguns anos em toda uma geração, podem ser poderosos. Em relação às fortes experiências históricas que atingiram as gerações precedentes, a ponto de marcá-las, por vezes, com uma impressão identitária – como a guerra da Argélia, da mesma forma, para os que eram mais velhos na *nouvelle vague* – a cultura sonora do SLC, *Salut les copains*, reverberada, não deve transformar o pesquisador em simples “ex-fã dos sessenta”, mesmo que mesclado, com alguns anos a mais, com um eventual “manifestante de maio”. Haveria, num caso deste, o perigo de cair numa situação de visão dupla, do tipo *Manif* da UNEF, do 27 de outubro de 1960, na *Mutualité versus* a festa dos “companheiros” de 22 de junho de 1963 na praça da Nation, ou vice-versa. Mais amplamente, de resto, a vigilância metodológica deve conduzir a uma desconfiança inicial diante do próprio objeto: a agitação sociocultural dos anos 1960 é um fenômeno significativo ou ampliado – e, portanto, superestimado – por uma excessiva reverberação? Esta questão preliminar tem sua razão de ser, mas convém respondê-la desde logo de

forma negativa: estes anos 1960 têm uma densidade histórica real e o perigo de amplificação considerado já constitui por si mesmo um indício – a reverberação existe porque teria havido, então, um clarão intenso.

Os historiadores da geração precedente – que já alcançaram, por sua vez, a faixa dos sessenta anos – têm para gerir intelectualmente menos estas reverberações do que redescobertas, frente a uma análise que fizeram na própria época ou a levantamentos ou estudos que então os marcaram. Em 1986, Michel Winock tinha dedicado aos “anos sessenta” uma série de quarenta artigos no jornal *Le Monde*, transformada em livro no ano seguinte pelas Edições Seuil. Começando pelo “fim de uma guerra” – a da Argélia – e precedido por uma epígrafe de... Georges Perec, a obra dava um lugar importante aos fatos da cultura e da sociedade, com esta precisão liminar: “é quando nos tornamos mais velhos que experimentamos um dia o sentimento de pertencer a uma geração: quando aquela que se segue entra em cena”. Depois de uma alusão ao artigo do *Esprit*, de 1964, seguia-se também esta observação: aquilo que importa, que eu não sabia ver, estava evidentemente em outro lugar... elas chegavam em filas cerradas, as coortes do *baby boom*! Elas iam mudar tudo; elas nos iam mudar”¹⁵.

Sete anos mais tarde, no outono de 1994, a revista *Histoire* e o festival internacional do filme de história de Pessac organizaram um encontro em torno dos “Nossos anos sessenta”. Nesta ocasião, Jean-Pierre Rioux consagrava um artigo, no número de novembro de *Histoire*, à “França ‘iê-iê-iê’ dos anos sessenta”¹⁶. O primeiro parágrafo evocava o *Esprit du temps*, de Edgar Morin (1962) e a primeira nota mencionava seu artigo no *Le Monde* de 6-7 de julho de 1963, enquanto a bibliografia dava destaque ao dossiê de *Esprit* de fevereiro de 1964. Aí também, a redescoberta, através da curiosidade intelectual, era manifesta. Este fenômeno de redescoberta contribuiu, talvez, ao lado das primeiras investigações retrospectivas dos historiadores da geração seguinte¹⁷, para evitar uma recusa da inserção dos anos 1960 no campo de

¹⁵ Michel Winock, *Chronique des années soixante*, Paris, Le Seuil, 1987, pp. 95 e 97.

¹⁶ Art. cit., *L'Histoire*, nº 182, novembro de 1994, pp. 16-25.

¹⁷ Eu, por minha parte, propus algumas pequenas referências em meu artigo de *Vingtème siècle. Revue d'histoire*, nº 22, de abril-junho de 1989 (“Génération et histoire politique”, pp. 67-80), e no capítulo, “L'ère culturelle des masses?”, de *Notre siècle*, de René Rémond, Fayard, 1988. Voltei a isto um pouco mais longamente em *Le temps des masses*, ref. cit., capítulos 14 e 15, e em algumas das minhas contribuições para *La France d'un siècle à l'autre. Dictionnaire critique*, que organizamos com Jean-Pierre Rioux, através de Hachette-Littératures, 1999, reed., col. “Pluriel”, 2000, 2 vols.

estudos da pesquisa histórica, inserção que uma proximidade cronológica muito grande teria, talvez, no âmbito sociocultural, postergado ou, no mínimo, retardado. Mas entre os *ex-baby boomers* e os antigos leitores de Morin, a perspectiva inicial não era provavelmente a mesma.

Nos anos 1960, é verdade, a existência destes olhares geracionais potencialmente diferentes é preciosa, porque esta diferença produz perspectivas cruzadas que dão a esta década uma densidade ainda maior: anos despreocupados, ou mesmo desenvoltos, aos olhos de alguns, depois dos grandes engajamentos da guerra da Argélia, anos cruciais do aprendizado político sob o signo da extrema esquerda, para outros, anos efervescentes e contestatários, acompanhados de uma doçura de viver, ainda para outros, o caleidoscópio, observando bem, não mostra imagens necessariamente contraditórias. Ao contrário, neste ínterim, o transcurso de um terço de século e as evoluções historiográficas verificadas no intervalo e de modo especial após uma quinzena de anos fizeram aparecer, retrospectivamente, para estes anos 1960, assim revisitados, alguns contornos claros e uma densidade excepcional, que tornam compatíveis estas visões aparentemente contrastadas, que até contribuem para uma melhor “periodização” do século como um todo. Isto porque é com relação ao século inteiro que convém situar esta década, com, em seu âmago, para além do muito falado 1968, dois anos essenciais: 1962 e 1965.

Os Beatles, Che Guevara e Woodstock

O ano de 1962, já historicamente denso pelo fim da guerra da Argélia e pela consolidação da V República, reveste-se, de fato, de uma importância ainda maior. Marca, com efeito, uma mudança de configuração histórica. Desde 1870, na verdade, a França conhecera efetivamente uma espécie de tendência belicosa, com uma onipresença da guerra: nela se sucederam uma guerra européia, duas guerras mundiais, uma guerra fria, ameaçando incendiar-se por diversas vezes, e duas guerras coloniais, tendo a segunda indiretamente derrubado uma República. Em 1962, esta tendência parece ter um fim: a coexistência pacífica vai realmente realizar-se, depois da grave crise de Cuba, e as guerras coloniais se acabam com o fim do conflito argelino. A guerra desaparece dos horizontes de expectativa – expectativa sofrida, seguramente, mais do que desejada – dos franceses. Ora, é nesta França em vias de rápido apaziguamento que acontece uma renovação de geração: a geração

do pós-guerra é também, depois de 1962, a da não-guerra. Ela atinge, com efeito, a idade dos primeiros engajamentos num mundo ocidental sem guerra, no seio de uma Europa que a história parece ter em grande medida abandonado. Sem dúvida, de forma paradoxal, uma parte desta geração vai, de algum modo, manter uma relação com o fenômeno guerra, presente em outras regiões e alimentando uma forma de messianismo revolucionário: certos jovens da geração do *baby-boom* fizeram a guerra por reverberação – a construção de barricadas em 1968 foi um ressurgimento de memória, lembrando os grandes combates do século XIX – ou, por procuração, contra a sociedade capitalista, por massas do Terceiro Mundo interpostas. Sem dúvida, da mesma forma, apesar da coexistência pacífica, o holocausto nuclear faz, então, definitivamente, parte das possibilidades que despontam no horizonte. Não importa. Do “telefone vermelho” aos acordos SALT, uma tal ameaça parece freada e, mais ainda, a cadeia dos conflitos sem dúvida parece definitivamente rompida, a partir de 1962, e, desde então, aparentemente, nada surge no horizonte que possa prever, para a classe gerada pelo *baby boom*, um *status* de geração imolada no altar da pátria. Os combates do lado engajado dos *baby boomers* decorriam de um mimetismo histórico – as barricadas – lembrando outras épocas da França dos anos 1960 e de um mimetismo ideológico, lembrando outros contextos socioeconômicos da França dos Trinta Gloriosos¹⁸.

Os Trinta Gloriosos: tocamos aqui, provavelmente, no que é essencial. Os anos 1960 se inscrevem no âmago da mais rápida mutação de nossa história nacional. Mais ainda, esta mutação vai-se acelerar ao longo dos anos seguintes, apesar da crise de apatia econômica que sucede, a partir de 1973-1974, ao crescimento triunfante, e é uma verdadeira metamorfose que se opera durante estes “Vinte Decisivos”, que vão de 1965 a meados dos anos 1980¹⁹. Os anos 1960 são, portanto, ao mesmo tempo, a fermata dos Trinta Gloriosos e o ponto de partida dos “Vinte Decisivos”, que nascem no seu seio e depois

¹⁸ Como pano de fundo, é também a questão da regressão, ou não, da violência na sociedade francesa que está colocada, ao longo do século vinte: no texto final de *La France d'un siècle à l'autre, 1914-2000*, “La règle et le consentement”, *op. cit.*, pp. 933-940, já coloquei esta questão, essencial: busca do longo “processo de civilização”, caro a Norbert Elias, ou “brutalização”, retomada após o terremoto da Primeira Guerra Mundial, para seguir Georges Mosse? Tentei evocar mais largamente esta questão da violência – ou não – em maio de 1968 em *Les Baby Boomers*, Paris, Fayard, 2003.

¹⁹ Aqui, também, me permito uma referência a “1965: à l'aube des Vingt Décisives”, *La France d'un siècle à l'autre. 1914-2000. Dictionnaire critique*, *op. cit.*, pp. 81-87.

os prolongam, apesar da mudança de contexto econômico. E, se tudo já foi dito ou quase tudo sobre este âmagô dos Trinta Gloriosos e sobre seus aspectos socioeconômicos, é desde então possível propor sobre isto, à luz da recente evolução historiográfica, um outro olhar, não contraditório, mas lhes dando mais plenitude ainda.

Durante muito tempo, a história dita das mentalidades ou das representações mal chegou ao limiar do século XX. A análise das percepções comuns e das sensibilidades compartilhadas, regida por uma espécie de protocolo científico próximo da abordagem antropológica, só parecia aplicável às sociedades geográfica e cronologicamente afastadas da nossa. Sem dúvida, graças notadamente aos trabalhos de Maurice Agulhon e de Alain Corbin – em registros por sinal bem diferentes²⁰ – a França do século XIX se encontrou progressivamente integrada de fato na área cronológica de aplicação da antropologia histórica. Por isto mesmo, a história do século XX parecia por demais próxima para se encaixar no protocolo e se encontrava de fato excluída. E, *a fortiori*, teria parecido bem contraditório reivindicar para os anos 1960 ao mesmo tempo a proximidade, que faz deles um objeto, até o momento, próprio da história do tempo presente, e a estranheza, que subentende a abordagem antropológica. Até agora, pela amplitude da mutação conhecida pela França no momento dos Trinta Gloriosos, é, provavelmente, sobretudo o período do entreguerras que começa a entrar assim, a contragolpe, na zona de validade de uma possível antropologia histórica. Isto quer dizer, inversamente, que é necessário renunciar, no que se refere aos anos 1960, a qualquer abordagem mais ou menos relacionada ao mesmo campo? Tudo depende, de fato, da definição que se dê à antropologia histórica e da necessidade ou não de um olhar distanciado. Mais prosaicamente, sustentaremos aqui que, para além de um debate epistemológico, já é chegado o tempo de estudar, também, os anos 1960 sob o ângulo das representações coletivas, posto que, neste campo igualmente, esta década marca uma inflexão determinante, justificando plenamente este tipo de abordagem.

Tal se percebe, por exemplo, no estudo do que convém chamar de estereótipos. Cada geração, com efeito, leva consigo seus laços comuns e suas imagens estabelecidas. O metabolismo destes últimos é variável: as gerações mais jovens recebem, por vezes, as representações coletivas tais quais deixa-

²⁰ Cf., por exemplo, suas contribuições bem diversificadas de conteúdo e tonalidade em *Pour une histoire culturelle*, *op. cit.*

das pelas gerações mais velhas ou, então, inversamente, em outros casos, produzem elas próprias as suas. Este segundo caso é, afinal de contas, mais raro, posto que os estereótipos são, na maior parte do tempo, de combustão lenta: enraizados numa França que foi, por muito tempo, predominantemente rural, marcados por traços e lembranças de guerras sucessivas, se mantiveram ao longo das classes de idade sem maior alteração. Inversamente, aqui ainda, a amplitude da mutação sociológica da França dos anos 1960 levou a uma mutação acelerada das representações coletivas da nova geração. O alemão, por exemplo, em uma década de reaproximação franco-alemã, não encarna mais o inimigo hereditário. Ou, mais precisamente, a clivagem geracional age, se podemos dizer assim, em seu benefício: quando ele ainda está presente no olhar da maior parte dos franceses, como uma espécie de imagem de retina vinda dos anos negros da Ocupação, as redescobertas de memória que intervirão ao longo dos anos 1970 não se operaram ainda no seio da nova geração e a Alemanha – ainda dividida em duas – não é mais para esta nova geração um problema obsessivo nem mesmo central. A Inglaterra – e, como veremos mais adiante, os EUA – ocupa largamente, em contrapartida, seu campo de visão, com, ademais, aqui ainda, uma clivagem de geração: não se trata mais, para os mais jovens, da “pérfida Albion”, aquela de Fachoda, nem mesmo da aliada de 1940, encarnada por Churchill e seu *blood, sweat and tears*. A voga das “estadias lingüísticas” no estrangeiro começa a chegar para os *baby boomers* originários das categorias mais privilegiadas e logo, também, das classes médias. Como não se trata ainda de ir para o além-Atlântico, é o outro lado do Canal da Mancha que atrai os aprendizes de inglês. Num outro movimento, a Londres dos Beatles, do Carnaby Street e da minissaia terá um forte eco na imprensa francesa e não apenas entre os jovens. O efeito geracional concernirá mais ainda ao estereótipo da “inglesinha”, tida como pouco arisca e logo povoando, por este fato, o imaginário dos adolescentes franceses.

A pista dos estereótipos não permite apenas identificar as eventuais distâncias de geração, elas próprias freadas pela estabilização da sociedade ou, ao contrário, induzidas pela sua mudança acelerada. Ela permite, além do mais, relativizar o peso da ideologia nas representações coletivas. Se as vanguardas políticas, profundamente impregnadas de ideologia, foram, com efeito, as mais visíveis e, por esta razão, saturaram em muito a memória coletiva resultante dos anos 1960, elas provavelmente não fizeram mais que aflorar

o conjunto da classe de idade do *baby boom*. Os indícios são, assim, convergentes, no que concerne à imagem dos Estados Unidos. No momento em que, no seio da extrema esquerda, “o imperialismo americano” é objeto de opróbrio e, quando o soldado americano aparece, a partir de então, não mais como o libertador de 1944, mas como o símbolo da opressão nos arrozais do sudeste asiático, no momento em que o B.52 do Strategic Air Command parece ter-se tornado uma máquina de terror e de morte, a “América” permanece sendo, no entanto, aos olhos da nova geração, uma entidade cuja fascinação exercida não diminui ao longo da década. Sem dúvida, em março de 1968, uma bandeira americana fora queimada diante das vitrines do American Express, mas, nos Champs Elysées, *West Side Story* acaba de ser projetado seis anos seguidos no cinema George V. E, ao longo da década, os cantores “iê-iê-iê” e seu público permanecem profundamente marcados pelas imagens e os sons vindos dos Estados Unidos: assim, através das fotografias dos “ídolos” por Jean-Marie Périer, no periódico mensal *Salut les copains*, lê-se uma geografia dos lugares-cultos destes artistas e de seus fãs, e os Estados Unidos são incontestavelmente o epicentro destas afinidades eletivas.

Esta ambivalência de imagem dos Estados Unidos, rejeitada pelos “camaradas” e admirada pelos “companheiros”, provoca, de resto, surpreendentes passagens de um registro a outro, patentes, por exemplo, no caso de “Che” Guevara²¹, que aparece, por um lado, como um herói e um mártir da causa revolucionária: as fotografias de seu cadáver, no outono de 1967, correm o mundo e o transformam de anjo exterminador do capitalismo – que a foto de Alexandre Korda, feita em 1960, popularizou – num ser imóvel e aniquilado pelos soldados bolivianos e a “CIA”, no cumprimento de sua tarefa. Mas, ao mesmo tempo, operar-se-á uma espécie de amálgama entre a fotografia de 1960 e a morte de 1967, santificado, para a maioria, por uma espécie de romantismo largamente desideologizado: neste final de década, quando os cartazes psicodélicos se tornam uma das formas da *pop art*, estes se apropriam do personagem do “Che” e o representarão quase sob uma forma de Cristo, ao mesmo tempo santo laico e ídolo *pop* e, por isto mesmo, produto de síntese da cultura de massa e da onda de contestação que se es-

²¹ Robert Frank também se interessou pelo personagem do “Che”: cf. sua contribuição “Imaginaire politique et figures symboliques internationales”, “Castro, Ho, Mao et le “Che””, *Les années 68. Le temps de la contestation*, Geneviève Dreyfus-Armand, Robert Franck, Marie-Françoise Lévy, Michelle Zancarini-Fournel (Orgs.), Bruxelles, Complexe, 2000.

tende sobre o Ocidente da Europa e os Estados Unidos, na segunda parte dos anos 1960.

Mas este produto de síntese está, seguramente, no fundo, nas antípodas do messianismo revolucionário que encarnava o “Che”. De resto, menos de dois anos mais tarde, no verão de 1969, o eco mundial obtido pelo festival de Woodstock mostra bem que esta geração é mais sensível à palavra de ordem do *peace and love*, que colore então as músicas e os ares da época, do que à de apoio às guerras exóticas de libertação nacional.

Seria um erro, de início, superestimar a abordagem dos anos 1960 pelo prisma das gerações intelectuais, de fundamento político e ideológico. Se uma tal pista se revelou preciosa para a história dos intelectuais e se, para o estudo do ambiente estudantil, existe aí uma ferramenta fecunda para a França²² e para outros países²³, sua aplicação ao conjunto da geração do *baby boom* provocaria, seguramente, um prisma deformador. O que leva, de resto, à observação feita acima sobre as gerações dos historiadores: elas são, sem dúvida, antes de mais nada, gerações intelectuais. Qualquer que seja a faixa de idade evocada, portanto, o perigo de alteração é manifesto com relação à realidade da sociedade francesa: existem apenas, de fato, 194.763 estudantes em 1959-1960 e 367.701 em 1964-1965. E, em 1961, a proporção de bacharéis em relação à geração de referência ainda é apenas de 10,83%.

A “aldeia planetária” cujo príncipe consorte é um adolescente

Os Beatles, Che Guevara, Woodstock: seguramente, nestes anos 1960, os universos mentais se dilatam geograficamente e as representações coletivas nacionais começam a conhecer, sob a pressão dos vetores culturais de massa, uma espécie de mundialização. O sintoma disto consiste, precisamente, no fato de que os estereótipos nacionais começam a constituir traços mundiais. Não mais apenas em termos de visões do Outro – o que é, por essência, um estereótipo nacional, definindo-se em relação a outro – mas em termos de integração de imagens vindas de outro lugar. E, no final das contas, se

²² Cf., de modo especial, Laurent Jalabert, “Aux origines de la génération 68: les étudiants français et la guerre du Vietnam”, *Vingtième siècle. Revue d’histoire*, n° 55, julho-setembro de 1997, e Nicolas Pas, “Six heures pour le Vietnam. Histoires des Comités français 1965-1968”, *Revue historique*, n° 613, janeiro-março de 2000.

²³ Ver, por exemplo, os trabalhos de Ingrid Gilcher-Holtey sobre a Alemanha Ocidental e os de Nicolas Pas sobre os Países Baixos.

Woodstock teve um tal eco mundial, foi antes de mais nada pelo filme que se fez dele e pela banda-sonora que o acompanhava. Sua transformação rápida em filme-culto, no cruzamento da cultura “jovem” e de uma cultura de massa em vias de mundialização, fez dele um dos aspectos mais marcantes da “aldeia planetária” em formação, uma aldeia cujo príncipe consorte é um adolescente.

A cultura de massa passou, então, por aí e, através dela, é um outro aspecto da importância dos anos 60 na escala do século que surge, certamente ritmado pelos sobressaltos belicosos que o abalam e o remodelam por duas vezes, mas, na medida da respiração lenta dos comportamentos coletivos e das normas que os balizam, a mudança acontece mesmo nestes anos 60 e não ao longo das seis primeiras décadas do século. E, nestes campos, é essencial o impacto dos processos de circulação cultural – e, portanto, o papel do eco dos vetores culturais, percebido, de resto, até mesmo num campo tão íntimo como o da sexualidade.

Para o estudo de tal campo, o historiador é forçosamente confrontado com dois arrecifes de natureza sem dúvida diferente, mas com efeitos convergentes. O primeiro é clássico e não é próprio ao estudo dos anos 1960: tão logo abordado, não apenas no registro da vida privada, mas, além disto, na esfera da intimidade, o objeto se revela parcialmente, de tal forma conduz a noções muito complexas para o entendimento do pesquisador tais como o pudor, o tabu ou a norma. Tanto assim que tais noções, diretamente gravadas nas estruturas mentais de uma sociedade e de uma época, variam forçosamente no espaço e no tempo. Daí uma segunda dificuldade que tem, para os anos 1960, uma importância particular: qualquer que seja o período estudado, este marcaria, neste ponto de vista, uma ruptura ou pelo menos uma inflexão? A dificuldade aqui está menos na questão – legítima – do que na resposta. Todas as sociedades e todas as épocas, com efeito, foram essencialmente confrontadas com o problema da tensão sexual dos adolescentes e a análise de sua resolução, numa data determinada, não leva forçosamente a que haja uma brusca mudança. O historiador evitará raciocinar quase automaticamente, neste campo, em termos de revolução, já que, na maior parte do tempo, as evoluções aí foram lentas, acontecendo freqüentemente ao longo de séculos. Assim sendo, para os anos 1960, são os contemporâneos que, por vezes, utilizaram as palavras “revolução sexual”. Deveria o historiador ratificar um tal uso? Questão que, de resto, se desdobra por força das coisas: teria

a expressão realmente um sentido para esta década? E, supondo-se que fosse este o caso, teria sido a geração do *baby boom* a atriz principal desta presumida revolução?

Seria uma incongruência tentar responder aqui, em algumas linhas, a tais questões, num campo e por um período que a historiografia francesa apenas começa a explorar²⁴. Em contrapartida, não é indiferente observar que a resposta é indissociável de dois outros parâmetros: a clivagem geracional, ainda mais uma vez, mas também a cultura de massa. Dois parâmetros, precisamente, dos quais um se tornou objeto de pleno exercício ao longo destes “anos do século Vinte” e o outro se constitui para sempre num canteiro historiográfico.

A geração do *baby boom* se banhou, no tempo de sua primeira infância e, depois, na sua adolescência, num ambiente sexualmente vigiado. No próprio momento em que ela aparecia, a Comissão de vigilância e controle das publicações voltadas para a infância e a adolescência, criada após a promulgação da lei de 16 de julho de 1949, deplorara, a acreditarmos no relatório de seus trabalhos de 1950, que a “imprensa infantil contribui assim, com a imprensa de informação, a publicidade e o cinema, para saturar de erotismo o ambiente geral da existência atual”. E, uma década mais tarde, no início dos anos 1960, no momento em que esta geração do *baby boom* se tornou, por sua vez, leitora, a vigilância neste campo permanece total: um periódico belga, importado na França, *Line*, é criticado pela comissão pelo seu “tom perturbador” (1960) e pelo caráter “sugestivo” (1962) das silhuetas dos personagens femininos²⁵. Um tal dispositivo, entretanto, não poderia de forma alguma bloquear as afeições da adolescência. E estas iriam em parte cristalizar-se através da prática do flerte. No limiar dos anos 1960, este já é, *stricto sensu*, quase centenário. Surgido nos anos 1870²⁶, exportado depois para a Inglaterra vitoriana, permanece primeiro localizado no seio da boa sociedade europeia: jogo de olhares, antes de mais nada, não comprometia o futuro e servia de válvula de segurança para estas afeições adolescentes, sem manchar a res-

²⁴ Até o momento, por exemplo, os trabalhos publicados por Anne-Marie Sohn abordam apenas meio século (cf. *Du premier baiser à l'alcôve. La sexualité des Français au quotidien (1850-1950)*, Paris, Aubier, 1996. E, mais recentemente, *Age tendre et tête de bois. Histoire des jeunes des années 1960*, Paris, Hachette, 2001).

²⁵ Cf. “On tue à chaque page”, *La loi de 1949 sur les publications destinées à la jeunesse*, Thierry Crépin e Thierry Groensteen (orgs.), Paris, Editions du Temps, 1999, pp. 111 e 121.

²⁶ Fabienne Casta-Rosaz, *Histoire du flirt*, Paris, Grasset, 2000.

peitabilidade que caracteriza as relações mundanas e sem perturbar as estratégias matrimoniais.

Mas o flerte dos anos 1960 tem outras fontes, as do flerte americano dos anos 1950²⁷, no qual os jogos de mãos se sucedem aos jogos de olhares. E, neste campo, o cinema do outro lado do Atlântico vai contribuir para aclimatar a prática. De forma recorrente, filmes como *Juventude transviada* (1955) ou *West Side Story* (1961) colocam em cena jovens em posições amorosas. Sem dúvida, estas se resumem a beijos – ainda que *West Side Story* relate, neste aspecto, uma transgressão – mas, precisamente, o eco alcançado por estes filmes americanos e o tema dos modernos Romeu e Julieta necessariamente conotado de modo favorável tiveram forçosamente efeito sobre as sensibilidades e também sobre as normas. Ao mesmo tempo, é verdade, esta influência, vinda do outro lado do Atlântico – permanecendo muito difícil de dosar – não seria bastante para explicar uma tal evolução. Outras razões foram sugeridas, que têm cada uma seu lado pertinente. Estaríamos passando, porém, ao largo do essencial, se reduzíssemos a evolução que se inicia então a um simples efeito mecânico de dados biológicos – uma geração mais bem alimentada e, portanto, mais rapidamente púbere – ou sociológicos – uma geração mais escolarizada e progressivamente mista. Além do fato de que os filhos do *baby boom* não tiveram forçosamente uma primeira infância colocada sob o signo da opulência, e que a menor idade da puberdade aconteceu de maneira progressiva, desde o século XIX, sem que, por isto, os costumes e as normas tenham sido afetados aparentemente, num primeiro momento, além do fato de que também a escola mista será mais uma consequência da mutação dos anos 1960 que um de seus fatores, o essencial, de qualquer forma, deve ser pesquisado provavelmente em outro lugar, no crescimento de uma cultura de massa jovem, cinematográfica, como vimos, mas também, e sobretudo, radiofônica.

À primeira vista, a observação pode parecer incongruente. O que existiria em comum, com efeito, entre o rádio transistor, o “SLC” e o flerte? Constatar que existem aí os elementos de uma sociabilidade juvenil não basta para estabelecer correlações. Ora, não apenas estas correlações existem, como

²⁷ Sobre o nascimento do *teenager* até esta data, cf. , por exemplo, Luisa Passerini, “La jeunesse comme métaphore du changement social. Deux débats sur les jeunes: l’Italie fasciste, l’Amérique des années 1950”, Giovanna Lévi e Jean-Claude Schmitt (Orgs.), *Histoire des jeunes en Occident. L’époque contemporaine*, Paris, Le Seuil, 1996, p.339.

desenham o novo horizonte dos anos 1960. A França, com efeito, acaba de conhecer, então, em algumas décadas, no que concerne à cultura sonora que dá ritmo a seus trabalhos e a seus dias, duas revoluções irreversíveis. De um lado, entre os anos 1930 e 1950, a radiodifusão se tornou o elemento essencial desta cultura sonora. Mas, além do caráter essencial de uma tal perturbação, a cultura sonora que, desde então, acalenta desta forma a sociedade francesa permanece antes de mais nada uma cultura adulta, tanto nos seus temas como no seu público. E as canções de amor, de agora em diante amplamente transmitidas pelo rádio, e que, por este fato, de alguma forma, difundem, de certo modo, a norma, colocam em cena adultos, mesmo que sejam muitas vezes jovens adultos. Ou, se os personagens das canções são pessoas jovens, seu amor se situa sempre em relação às normas do mundo dos adultos, para respeitá-las ou, pelo contrário, para transgredi-las.

Com o surgimento de uma música “iê-iê-iê” amplamente mediatizada, tudo evolui rapidamente, a segunda revolução sendo, sem dúvida, com efeito, a da aparição de uma linguagem amorosa jovem, não apenas bastante difundida, mas que, pelo seu caráter massivo, parece, por sua vez, definir a norma a partir de então. Pois, muito rapidamente, a canção “iê-iê-iê” sai desta espécie de reserva natural que era o horário de 17h-19h de *Salut les copains* para impregnar logo, por capilaridade, o conjunto dos programas radiofônicos. Assistimos, portanto, a uma verdadeira inversão em alguns anos. Em 1960, o primeiro 45 rotações de Johnny Halliday mostra apenas alguns fragmentos deste novo discurso amoroso. E, sobretudo, suscita a perplexidade ou a reticência dos adultos. E, no entanto, desde este momento o primeiro “45 rotações” constitui uma espécie de cavalo de Tróia em meio à sociedade dos adultos. Tanto que, desde 18 de abril de 1960, algumas semanas depois da saída deste primeiro 45 rotações (*Laisse les filles, T’aimer follement*), Johnny Halliday apresenta numa emissão televisionada, *L’école de vedettes*, de Aimer Mortimer, e as vendas de seu disco o refletem imediatamente, passando dos 12.000 vendidos em um mês para 100.000 nos dias seguintes. O eco, a partir daí, muda de escala e chega ao mundo dos adultos. Sem dúvida, não se trata, vê-se, de erotização das relações sociais. Será preciso ainda esperar vários anos para que, no cruzamento da “liberação sexual” e das canções – provocações de Serge Gainsbourg, por exemplo, a canção transgrida tabus e seja mesmo portadora de subversão neste campo. Em meados dos anos 1960, a canção de Michel Polnareff, *L’amour avec toi*, também explode e, por isto mesmo, cho-

ca freqüentemente mais do que seduz. Não importa. As canções “iê-iê-iê” anteriores tinham incontestavelmente impregnado, até mesmo na expressão de um novo discurso e, depois, num novo código amoroso, o ambiente sonoro do tempo. Da mesma forma como, guardadas as devidas proporções, o cartão postal parecera ter fornecido, no passado, “atitudes prontas para o uso e um arsenal de expressões sentimentais”²⁸.

Dez anos de felicidade?

Para além desta questão da sexualidade dos adolescentes, o estudo histórico dos anos 1960 reafirma aqui também, se ainda fosse necessária uma nova confirmação, que o historiador, mesmo a propósito de épocas aparentemente bem balizadas, deve dar conta de toda a complexidade das situações e dos seres. Assim, se a geração do *baby boom* é a geração da não-guerra, um tal dado, decorrendo da configuração de relações internacionais nesta data, teve, imediatamente, já vimos isto, efeitos induzidos sobre as representações coletivas desta classe de idade. Prova suplementar das virtudes heurísticas da noção de geração, mas também demonstração de sua capacidade de dar conta da dinâmica das sociedades e das modificações de sua morfologia, quando ela se encontra com a história cultural, entendida aqui no seu sentido pleno. Ora, os anos 1960 são uma década em que uma tal dinâmica se acelera e em que modificações endógenas se ampliam. As novas abordagens historiográficas, surgidas ou desenvolvidas depois de quinze anos, podem encontrar aí um terreno de realização propícia e fecunda. Sem contar que estas abordagens podem também contribuir para enriquecer a história política dos quinze primeiros anos da V República. Se isto não foi, de forma alguma, uma questão, nas páginas precedentes, ao menos diretamente, desta história política, tudo que foi evocado deve também contribuir, com efeito, para desenvolver uma abordagem cultural do político²⁹. Isto poderia ser, de resto, o objeto de um outro artigo sobre esta mesma década³⁰.

²⁸ André Rauch, *Le premier sexe. Mutations et crise de l'identité masculine*, Paris, Hachette Littératures, 2000, p. 223.

²⁹ Jean-François Sirinelli, “De la demeure à l’agora. Pour une histoire culturelle du politique”, *Vingtième siècle. Revue d’histoire*, 57, janeiro-março 1998.

³⁰ Já tentei estabelecer algumas correlações deste tipo em vários estudos (não tratando exclusivamente, é verdade, destes anos 1960): assim, a conclusão “Les droites et l’Histoire”, no tomo III de *Histoire des droites en France*, publicada sob minha organização pelas Edições Gallimard em 1992 (pp. 841-873), e meu livro, *Aux marges de la République*, Paris, PUF, 2001;

Da mesma forma, outras abordagens destes *sixties* à francesa seriam necessárias para estabelecer se elas são colocadas sob o signo da exceção hexagonal – o que desqualificaria, neste caso, o uso do anglicismo. O que foi dito, mais acima, de um início de “mundialização” *avant la lettre*, pelo viés da cultura de massa, incitaria antes a concluir pela negativa. Mas a resposta, de fato, varia provavelmente com o registro de análise escolhido, aqui mais sociocultural que propriamente político. Seria necessário ainda, para prolongar a colocação em perspectiva secular destes anos 1960, interrogar-se também acerca da década que se seguiu, com “o fim dos anos fáceis” (Jean Fourastié). De repente, assim recolocado em perspectiva, foi o âmagos dos Trinta Gloriosos uma forma de oásis e um parênteses de felicidade ou, então, este ponto de junção dos anos de crescimento não foi senão, afinal de contas, uma reconstrução *a posteriori*? Aqui ainda, tudo o que precede nos estimula a dar uma resposta nuançada: estes anos não constituíram, é certo, um longo rio tranqüilo – a história política está presente para lembrá-lo – embalando a primeira geração da opulência no líquido amniótico das “coisas” doravante acessíveis, mas eles constituem um momento em que, quando o século já tinha sessenta anos, a França mudou a ponto de aquilo que os precede começar a se tornar, ao longo deste último terço de século, “um mundo que perdemos”, para parafrasear um título que o historiador Peter Laslett³¹ utilizou para épocas seguramente bem mais remotas num livro dos... anos 1960.

ou, ainda, a dúzia de textos escritos para *La France d'un siècle à l'autre. 1914-2000. Dictionnaire critique, op. cit., passim*.

³¹ Peter Laslett, *Un monde que nous avons perdu. Famille, communauté et structure sociale dans l'Angleterre pré-industrielle*, Paris, Flammarion, 1969.